

ITINERÁRIOS DA OBRA DE SUZANNE BRIET: INFLEXÕES E TENSÕES

Gustavo Silva Saldanha

Pesquisador Adjunto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: gustavosalदानha@ibict.br

Cristina Dotta Ortega

Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: ortega@eci.ufmg.br

RESUMO

A proposta do artigo é remontar elementos teóricos e históricos para a compreensão da obra de Suzanne Briet na França, no contexto internacional e, pontualmente, no Brasil, em sua contribuição para o campo da Ciência da informação. Para a identificação de pontos de inflexões e tensões no percurso do seu pensamento, a discussão refletiu sobre: o legado de Suzanne Briet nos contextos espaço-temporais da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil; o jogo das denominações do campo e de seus lugares identitários; a autonomia da obra de Suzanne Briet ante a sombra de Paul Otlet; a marca de Suzanne Briet na construção de uma neodocumentação (ou do contexto de interpretação documentalista anglo-americano); o conceito de documento em Suzanne Briet, a partir do seu manifesto de 1951; a profissão e a pesquisa em atrito, no que tange a competências, identidades e conhecimento; e, por fim, a profissão e a pesquisa em sua relação com a questão de gênero. As considerações finais indicam a singularidade das ideias de Briet perante a tradição histórica fundacional da Documentação, bem como a repercussão de seu pensamento para uma epistemologia do campo.

Palavras-chave: Suzanne Briet. Documento. Documentação. Epistemologia da Ciência da Informação. História da Ciência da Informação.

ITINERARIES OF THE SUZANNE BRIET WORK: INFLECTIONS AND TENSIONS

ABSTRACT

The article emphasized the construction of Suzanne Briet's work from the trajectory of her ideas. For the identification of inflection and tension points in the course of her thinking, the discussion reflected on: Suzanne Briet's legacy in the space-time contexts of Europe, the United States, and Brazil; the different denominations of the domain and its places of identity; the autonomy of Suzanne Briet's work in the shadow of Paul Otlet; Suzanne Briet and the construction of a neo-documentation (or of the context of Anglo-American documentary interpretation); the document concept in Suzanne Briet, from her 1951 manifesto; the profession and the research

in conflict, in what concerns competences, identities and knowledge; and, finally, the profession and research in its relationship with the gender issue. The results indicate the uniqueness of Briet's ideas before the foundational historical tradition of Documentation, as well as the repercussion of his thought.

Keywords: Suzanne Briet. Document. Documentation. Information Science Epistemology. Information Science History.

1 INTRODUÇÃO

Quando dimensionada a relevância de seu pensamento na atualidade, podemos inferir preliminarmente que Suzanne Briet deixou poucos registros de suas reflexões teórico-metodológicas, embora sua trajetória tenha marcado profundamente a construção da Ciência da Informação. A leitura histórica de seu pensamento comporta diferentes ângulos, sendo o mais tradicional aquele ligado a dois polos bastante assinalados na literatura do campo: a sua relação com a obra e o método de Paul Otlet em torno da Documentação, proposto pelo belga no início do século XX; e o seu modo de ação empírica no mundo das bibliotecas e dos profissionais bibliotecários.

Podemos, hoje, lançar outro marco de seu papel histórico, a saber, a repercussão de suas ideias na chamada neodocumentação, em nomes como Michael Buckland e Ronald Day. Essas duas dimensões – a tradicional europeia e sua leitura atual estadunidense – permitem-nos abrir diversos tópicos de discussão sobre o legado de sua obra, a qual precisa ser compreendida como o discurso da escrita em seu modo de manifestação das ideias no meio científico, mas também, como o discurso elaborado pelo gesto profissional das intervenções no cotidiano de bibliotecas, como a Biblioteca Nacional da França, e outras instituições, como a Unesco. Ou seja, a obra de que tratamos pode ser ora revisitada a partir das ideias de Suzanne Briet, ora vislumbrada no seu percurso profissional.

A proposta deste estudo é remontar a alguns elementos teóricos e históricos para a compreensão da obra de Suzanne Briet na França, no contexto internacional e, pontualmente, no Brasil, em sua contribuição para o campo da Ciência da Informação. O objetivo está em colocar em cena a inflexão de dadas configurações teóricas e históricas, bem como linhas de tensão, que tocam diretamente a problematização do campo ao longo do século XX. Em outros termos, o percurso aqui tecido se orienta na identificação e

debate dos itinerários reflexivos de e sobre Suzanne Briet, seu tempo, seu espaço, suas ideias.

Em um contexto de (re)compreensão do papel da obra de Suzanne Briet no campo, o estudo procura constituir um canal de feitura de um certo guia para o aprofundamento de grandes questões que cercam a travessia da bibliotecária francesa. A presente discussão refletiu sobre o legado de Suzanne Briet nos contextos espaço-temporais da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil; o jogo das denominações do campo e de seus lugares identitários; a autonomia da obra de Suzanne Briet ante a sombra de Paul Otlet; a marca de Suzanne Briet na construção de uma neodocumentação; o conceito de documento em Suzanne Briet, a partir do seu manifesto de 1951; profissão e pesquisa em atrito, a saber, competências, identidades e conhecimento; e, por fim, a questão de gênero.

2 O LEGADO DE SUZANNE BRIET: ENTRE EUROPA, BRASIL E ESTADOS UNIDOS

As lentes de uma reflexão epistemológico-histórica sobre a trajetória de uma personagem de um dado campo científico nos permitem compreender parte da vida, não apenas do sujeito ora sublinhado, mas de todo um coletivo de cientistas. A comunidade acadêmico-científica é formadora e fruto das ações de seus pares. Essas reflexões, no plano epistemológico, podem advir de distintas correntes do pensamento da sociologia do conhecimento e da antropologia da ciência, bem como das análises pós-meados do século XX da formação social da epistemologia. Assim, seja em Thomas Kuhn (1975), seja em Pierre Bourdieu (2013, 2004a,b), seja em Ludwig Wittgenstein (2002), essas condições podem ser antevistas.

O itinerário de trabalho e o lastro das repercussões das ações de Suzanne Briet no campo apresentam, neste sentido, um quadro complexo das condições de formação da própria episteme em questão. Sua travessia nos ajuda a compreender, em grande medida, a historicidade da construção da Ciência da Informação no Ocidente ao longo do século passado. O pensamento brietiano compõe a literatura científica, os cursos de formação e as práticas profissionais desenvolvidas sob a perspectiva da disciplina Documentação, no sentido de que, mesmo na ausência dos textos de Suzanne Briet, seu pensamento é identificado na perspectiva documentalista que ela ajudou a construir.

Nascida em 1894, década do início do movimento documentalista, Suzanne Briet participou da criação da organização não-governamental internacional Zonta, em 1919, para o reconhecimento dos direitos das mulheres e presidiu a União das Mulheres Europeias. Formada em Biblioteconomia em 1924, quando recebe o *Certificat d'Aptitude aux Fonctions de Bibliothécaires* (CAFB), Briet participará na década seguinte da criação da *Union Française des Organismes Documentaires* (UFOD), inspirada na *Association of Special Libraries and Information Bureaux* (ASLIB), criada em 1929. (DAY, 2001). Durante sua atuação na Biblioteca Nacional da França, ela planejou, e implementou e dirigiu a sala número 10, setor dos catálogos e bibliografias, de 1934 a 1954, criando um serviço de consulta bibliográfica. Ainda nos anos 1930, Suzanne Briet estará envolvida na transformação do Instituto Internacional de Bibliografia em Federação Internacional de Bibliografia - o IIB teve seu nome alterado para Instituto Internacional de Documentação (IID), em 1931, e para Federação Internacional de Documentação (FID), em 1937. A partir de 1986, recebeu a denominação Federação Internacional de Informação e Documentação, mantendo a sigla original. A FID foi dissolvida em 2002. Após a criação da Unesco, nos 1940, a bibliotecária atua diretamente na promoção das bibliotecas e da documentação, bem como na formação de documentalistas, no *Institut national des techniques de la documentation* (INTD), atualmente denominado *Institut national des sciences et techniques de la documentation*, do *Conservatoire national des arts et métiers* (CNAM). É neste contexto que seu principal trabalho, o “manifesto” *Qu'est-ce que la documentation?* será publicado, em 1951. (FAYET-SCRIBE, 2009)

O momento histórico seguinte à produção de Briet pode ser desenvolvido como segue. Entre os anos 1970 e 1980, vê-se o contexto político institucional de formalização das *Sciences de l'information et de la communication* na França, e um corpo de teóricos acadêmicos começa a problematizar a construção do campo, como Jean Meyriat, Robert Estivals, Robert Escarpit e Roland Barthes. Suzanne Briet, que aparecerá como central de trabalhos anglo-americanos de fundo historiográfico a partir deste momento, não ganhará a mesma dimensão (no plano teórico) à época no imaginário francês.

Por exemplo, em Anne-Marie Bianchi (1979, 1981), nos artigos *Le document e sa function*, de 1979, e *Propos sur le document*, de 1981, identificamos fontes centrais para o desenvolvimento da discussão conceitual a partir Meyriat e Estivals, dentre outros, e não Otlet, e muito menos Briet. Do mesmo modo, no mesmo ano, Meyriat (1981) apresenta sua clássica definição de documento, ou seja, um objeto que porta uma informação, que

serve para comunicar e que é durável (isto é, que permite a replicação da comunicação). No artigo, posteriormente adotado de modo amplo na formação francesa em *Sciences de l'information et de la communication*, Suzanne Briet não é reconhecida como base para a argumentação conceitual. O diálogo estabelecido por Meyriat neste artigo se dá centralmente com Robert Estivals, Robert Escarpit e Louise-Noëlle Malclès. Mesmo mais tarde, em outro texto fundamental para a documentação francesa, já nos anos 1990, Meyriat (1994), mesmo repercutindo o trabalho de Briet de 1951, desenvolve seu artigo *Y a-t-il place pour une théorie de la Documentation?* sustentando-se centralmente em um debate sob as vias de Robert Escarpit e do próprio Paul Otlet.

Ainda neste mesmo escopo histórico (os anos 1970 e 1980), o diálogo entre Estivals e Meyriat estabelece uma tentativa dialética de definição geral da escrita e do documento, bem como dos conceitos disciplinares do campo. No artigo de fundo conceitual, chamado pelos teóricos de um “esforço de síntese”, Estivals e Meyriat (1981) atravessam, por exemplo, os conceitos de documento, de documentação e de documentologia, à procura de seus significados. Entretanto, não abordam o trabalho de Suzanne Briet.

Como esboço final dos rastros apagados de Briet e mesmo de uma dada documentação no ponto de vista historiográfico nestas duas décadas, podemos identificar a nota de revisão do *Bulletin d'informations internationales de bibliologie* da *Société de Bibliologie et de Schématisation* (1989), publicado na *Revue de Bibliologie*. Ali, no final da década de 1980, temos o texto na seção de publicações com o sugestivo título *Paul Otlet : la résurrection*. A nota aponta o movimento de publicação de nova edição do *Traité de Documentation*, identificando o documentalista belga como parte de uma memória vaga dos bibliógrafos e bibliotecários anteriores à Segunda Guerra Mundial. A mesma nota comemorava o fato de Paul Otlet ser o foco dos trabalhos do Colóquio Internacional de Bibliologia de Sofia, Bulgária, ocorrido em 1988. A partir da problematização histórica da ausência de Otlet nestas décadas (ainda que parcial), podemos colocar em suspeição o mesmo dilema junto do trabalho de Suzanne Briet, fato esse que nos conduz novamente ao modo de ler e de falar sobre ela em outros discursos, que não o francês.

É assim que, após a disseminação dos serviços bibliográficos do Instituto Internacional de Bibliografia, nos primeiros anos do século XX, em países europeus, mas também na América Latina, incluindo o Brasil, ocorre apagamento da Documentação, como tratamos acima, que é retomada somente na década de 1950, depois da Segunda

Guerra, quando ela desponta novamente como conjunto de ideias e técnicas, ainda que parcialmente (como tratado em ORTEGA, 2008). Tanto nos Estados Unidos, como aqui, a Documentação tem seu ápice neste período, mas é rapidamente solapada pela concepção predominante de Ciência da Informação, quando ocorre seu segundo apagamento, que se coloca naquele país no contexto das necessidades estratégicas do pós-guerra, com uso dos computadores para processamento da informação.

No Brasil, neste contexto de exploração de uma Documentação a partir dos anos 1940, se observa o desenvolvimento da noção e das práticas dentro do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). O texto clássico de Briet de 1951, *Qu'est-ce que la documentation?*, aparecerá imediatamente registrado na Revista do Serviço Público como referência teórica e aplicada para o desenvolvimento de uma dada técnica da documentação (principalmente de caráter administrativo) dentro dos organismos públicos federais do Brasil. Este é o caso de Helenyr Coutinho (1964), que publicara em 1954, no volume 2, número 1, da revista do DASP, o artigo “Documentação, instrumentos e técnica”, explicitando como fontes, dentre outros, Suzanne Briet. No mesmo número da Revista do Serviço Público, Maria Carolina Motta Minelli (1964) publica o artigo “Os instrumentos e as técnicas de documentação” também referenciando o manifesto da bibliotecária francesa.

Ainda encontraremos a indicação direta desta fonte em Ophelia Vitoria Visentini, no artigo “Contribuição ao estudo da Documentação”, já no volume 2, número 2, da conhecida revista do DASP. No caso de Visentini (1964) pode ser identificada inicialmente (de modo distinto das outras duas menções), uma longa citação direta da tradução de dois parágrafos integrais do discurso de Suzanne Briet, passagem tal que aborda a questão da profissão do documentalista e das profissões afins, bem como os organismos de documentação. A edição utilizada por Visentini (1964) é a original, referenciada como “BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions documentaires, industrielles et techniques, 1951”. Em outro trecho de seu artigo, a citação direta do trabalho de Briet é igualmente utilizada, demarcando o papel teórico das ideias da bibliotecária francesa no território brasileiro.

Já nos números 1 e 2 do volume 86, ano de 1960, na mesma Revista do Serviço Público, Fenelon Silva (1964) apresentará o artigo “Formação, seleção e aperfeiçoamento do documentarista” (o autor grafou o termo deste modo, e não na forma do uso no campo, a saber, documentalista). Ali o autor indica o papel de Suzanne Briet na formação

internacional em documentação, o que permite reconhecer não apenas sua influência no território nacional (via a própria publicação de Silva na revista do DASP), como também a repercussão da sua obra no território francês. Silva (1964) descreve que a formação europeia em documentação àquela época, fins dos anos 1950, possuía como disciplinas “Documentação e documentologia”, “Documentos”, “Conservação – Classificação – Catalogação”, “Biblioteconomia”, “Equipamento e instrumental documentário”, “Elaboração de trabalhos documentários”, “Meios de expressão e de difusão da Documentação”, “Organização e administração”, “Usuários e técnicos da documentação”. Em dois casos, a saber, “Documentação e Documentologia” e “Conservação – Classificação – Catalogação”, a bibliografia básica, segundo Silva (1964), era a obra de Briet, ao lado de outros grandes nomes da documentação, como Louise-Noëlle Malclès e Georgete de Grolier.

Dada a condição orientada para o discurso estatal e profissional na Revista do Serviço Público, os textos do periódico nem sempre apresentavam a estrutura conhecida dos artigos científicos. Por esta razão, diversos trabalhos sobre documentação não se constituíam através de citações e de referências. Uma vez reconhecida a presença formal de Suzanne Briet em alguns trabalhos, e, por sua vez, identificadas diferentes temáticas presentes em seu clássico manifesto de 1951 como impregnadas nos trabalhos da revista do DASP que não explicitam o nome ou as obras da bibliotecária francesa, podemos inferir que esta influência ali, em meados do século XX, no antigo órgão central de tratamento de dados bibliográficos do governo federal, era ainda maior.

Do mesmo modo, observa-se a repercussão de Briet no Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), instituição diretamente correlacionada à história do DASP. Esta influência é igualmente dada a partir do pequeno livro de Suzanne Briet (1951), posteriormente reconhecido e tomado como referência do campo em disciplinas de cursos de Biblioteconomia, uma vez que a disciplina Documentação se torna obrigatória a partir do Currículo Mínimo de 1962. Esse é o caso do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que ofereceu a disciplina Documentação desde 1957, passando a incluir o livro de Suzanne Briet posteriormente; junto a isso, observa-se a existência de exemplares da obra original e de sua publicação em espanhol (BRIET, 1960) nas bibliotecas da UFMG desde os anos 1960.

Foi nesse contexto que Maria Nazareth Fendt, hoje Maria de Nazareth Rocha Furtado, então aluna do curso de Biblioteconomia da UFF, e estudante da língua francesa, traduziu o material, visando ajudar aos colegas. Essa versão, de 1970, circulou como material didático entre os cursos do Rio de Janeiro até recentemente. Hoje, a versão não se faz mais necessária, haja vista sua publicação (revisada pela tradutora) pela Editora Briquet de Lemos (BRIET, 2016), no contexto de seu projeto editorial, iniciado 10 anos antes, voltado à publicação de traduções de livros clássicos do campo. No prefácio do livro em português, é o próprio editor Briquet de Lemos quem discorre sobre a chegada das ideias de Suzanne Briet ao Brasil já na década de 1950.

O momento seguinte no cenário brasileiro é o do segundo apagamento da Documentação, quando se dá sua substituição, no âmbito do IBBD, pela abordagem estadunidense de Ciência da Informação. Em seguida, no entanto, surge, na década de 1980, na Universidade de São Paulo (USP), o Grupo Temma, voltado ao estudo de fundamentos e métodos de construção das linguagens documentárias. Se Briet atuou e fez parte de um momento riquíssimo de produção intelectual do campo, que contou com personalidades como Julien Cain, Jean-Claude Gardin, Eric de Grolier, Louise-Noëlle Malclès, Robert Pagès e outros, segundo identifica Buckland (2017, p. 10), é a brasileira Johanna Smit quem desenvolve seus estudos de mestrado e doutorado, respectivamente com Jean Meyriat e Jean-Claude Gardin, na França, na década de 1970, e traz para cá o pensamento francês da época. É assim que passam a ser desenvolvidos, no curso de Biblioteconomia, da Escola de Comunicações e Artes, da USP, os estudos e ideias de Gardin e seus contemporâneos, como Maurice Coyaud, Georges van Slype e Marcel van Dijk, não citados por Buckland.

A partir daí, tem-se no Brasil estudos científicos e continuados em Documentação, em apropriação que ganha contornos particulares e avanços significativos frente aos estudos franceses e espanhóis em curso no mesmo período. Assim como o pensamento construído pelos autores citados foram em grande medida dissipados no tempo, como reconhece Buckland (acima) e afirma enfaticamente o pesquisador espanhol García Gutiérrez (1999, p. 25), os estudos de Análise Documentária, como eram chamados, desenvolvidos pelo Grupo Temma, dissipam-se cada vez mais, gradualmente esquecidos pelas vozes mais disseminadas do campo.

Por sua vez, uma escrita sobre a neodocumentação, de que tratamos a seguir, faz-se hoje por vários pesquisadores e estudantes brasileiros, sejam aqueles mais atrelados à

visão clássica do campo via Documentação, sejam aqueles pautados pelas referências dos próprios neodocumentalistas para uma reflexão sobre o documento na sociedade contemporânea. Esses autores compõem o movimento internacional de retorno dos estudos sobre o documento ao colocar em questão a exploração ampla e diversa sobre o termo informação, deflagrando, no país, produção própria sobre o conceito de documento.

No contexto anglo-americano que pesquisadores revelam seus descontentamentos frente às dificuldades de compreensão de uma Ciência da Informação repleta de lacunas históricas, motivo que os leva a identificar e estudar a Documentação, adotando como referência de trabalho Paul Otlet e Suzanne Briet como protagonistas desse movimento que se faz como uma espécie descoberta de uma história desconhecida. Dentre eles, Boyd Rayward inaugura esses estudos ao mergulhar nos documentos do Mundaneum, na Bélgica, para então desenvolver sua tese sobre Paul Otlet, em 1975, a qual foi publicada em inglês (RAYWARD, 1975) e em russo, depois traduzida para o espanhol (RAYWARD, 2005).

Um nome que segue o movimento do australiano Rayward, mas privilegiando a obra de Suzanne Briet, em leitura facilitada por sua competência idiomática em francês, é Michael Buckland. Ele escreve sobre Briet, inicialmente, em 1995, em artigo publicado em inglês e francês, que é emblemático da difusão de sua obra, pois se intitula O Centenário de Madame Documentação, como foi chamada por seus colegas de trabalho em uma homenagem realizada na Biblioteca Nacional. Mas sua produção científica sobre Documentação centra-se tanto em Suzanne Briet, quanto em Paul Otlet, embora Buckland seja, sem sombra de dúvida, o responsável pela divulgação da obra de Briet em língua inglesa, haja vista que, neste idioma, não apenas se encontra a maior parte dos leitores científicos como, na perspectiva predominante da Ciência da Informação estadunidense, nossa autora, como a própria Documentação, eram desconhecidas.

Rayward e Buckland, ao procurar na Documentação uma ressignificação para o campo de que se ocupam, iniciam movimento que passou a ser chamado de neodocumentação. Outros pesquisadores fizeram esse movimento de retomada de alguns termos da Documentação e dos documentalistas – Otlet e Briet –, como é o caso de Bernd Frohmann, Ronald Day e Niels Lund, em geral mais preocupados com aspectos mais amplos da produção e uso dos documentos e suas contingencialidades sociais e políticas,

observadas no plano das instituições, assim como com um conceito amplo de documento, independente dos processos e serviços documentários estritos.

De fato, ainda que possamos dizer que a neodocumentação se faz a partir de pegadas histórico-conceituais esparsas, ao invés de pautar-se por uma imersão na produção do campo que permita navegar em organização cognitiva mais consistente, trata-se de abordagem relevante enquanto resultado do esforço de compreensão do campo para além das ideias e métodos mais amplamente difundidos, trazendo para a língua inglesa repertório de ideias relegado ao idioma francês e seus adeptos, dentre eles, muitos pesquisadores brasileiros.

Assim é que, no plano internacional, o trabalho crítico de Rayward (1996, 2004), ao questionar o plano historiográfico da Ciência da Informação estadunidense (seus métodos, seus critérios, suas cronologias), colocou em foco exatamente o papel de personagens como Suzanne Briet e a possibilidade de margens distintas de compreensão de uma epistemologia histórica do campo, já cristalizada sob a ausência de uma metarreflexão historiográfica. O mesmo o fez Day (2004), ainda que não voltado pontualmente para a seara historiográfica, na linha crítica de argumentação sobre a função epistemológica do campo, atingindo aspectos centrais para o nosso debate sobre o *locus* do pensamento de Briet.

Por sua vez, em relação mais direta com Suzanne Briet, Buckland (1995) colocou em pauta justamente esta abertura para a compreensão, não apenas de um sujeito na epistemologia de um dado campo, mas a própria questão do campo na sua relação com os sujeitos que o constroem. Em suas palavras, “Briet’s writing reflects her up bringing and her social and cultural context” [Os textos de Briet refletem os seus contextos cultural e social] (1995, p. 236).

Já do ponto de vista de seu contexto teórico e sua luta no plano epistemológico,

Her manifesto, however, is deliberately hortatory, like similar writings by her contemporaries: Persuasion is expected to follow from the arguments and facts presented – not from bibliographical footnotes. Thus a pivotal statement defining “document” as a form of evidence is attributed to “a thought full contemporary bibliographer” who is not identified. (BUCKLAND, 1995, p. 236)

Seu manifesto, entretanto, é deliberadamente retórico, semelhante aos textos de seus contemporâneos: a persuasão é tecida a partir de argumentos e fatos – e não de fontes bibliográficas. Assim, o pivô do fundamento da definição de documento como a forma de evidência é

atribuído ao pensamento integral contemporâneo do bibliógrafo que não está, por sua vez, identificado. (BUCKLAND, 1995, p. 236)

No curso destas reflexões epistemológico-históricas, seguimos os indícios de tais condicionantes que permitem repensar e iluminar os aspectos espaço-temporais, teóricos e empíricos da travessia de Suzanne Briet. Trata-se de um agrupamento de forças que atuam do sujeito para o campo, e do campo para o sujeito, transversalizadas em absoluto pelas questões sociopolíticas de seu contexto de atuação.

3 O JOGO DAS DENOMINAÇÕES DO CAMPO E DE SEUS LUGARES IDENTITÁRIOS

Em um contexto de pós-guerra, que poderia anunciar o desaparecimento dos construtos da Documentação, seja por conta da derrocada técnico-política dos sonhos otletianos, incluindo o pacifismo e a tipologia das técnicas dimensionadas, seja pelo avanço de um modelo mecanicista eletrônico de fluxo de dados de origem estadunidense, a conjugação de teoria e de aplicação na trajetória brietiana funda outra dimensão para as práticas de documentação.

A obra de Suzanne Briet permite um espriar das abordagens documentalistas e novas interpretações das formas de organização e serviços de informação. Constitui-se, a partir daqui um internacionalismo distinto daquele tecido por Paul Otlet. Com o projeto do Instituto Internacional de Bibliografia, estabelece-se uma diplomacia documental a partir de uma política de compartilhamento de registros catalográficos, só possível via uma grande corrente de acordos de reciprocidade entre as nações. Com Suzanne Briet, agora já no contexto da Unesco, o internacionalismo ganha um contorno de fomento e de efetivação de políticas de desenvolvimento socioeconômico, pelas vias do modelo científico-tecnológico, sendo a documentação um saber e um fazer estrutural para esse processo. Trata-se do papel da Unesco, e da participação de Suzanne Briet, no trabalho documentário estruturado em rede, formalizado internacionalmente, pela busca por harmonização de procedimentos via estabelecimento de políticas, que é pauta, inclusive, dos eventos que esta instituição promoveria.

O contexto de afirmação de uma *Information Science* nos Estados Unidos, em discurso alavancado pelo processamento eletrônico como matéria distintiva, ao lado da noção de *information* (SHERA, CLEVELAND, 1977), contribuem, por sua vez, no mesmo

contexto temporal, para um certo desaparecimento de Paul Otlet e da Documentação no discurso fundador do campo, que se tornou uma maneira comum de discorrer sobre a história da Ciência da Informação. Essa narrativa, no entanto, não considera o papel sociopolítico (via políticas da Unesco) e teórico-prático (via o conceito de documento) exercido pela francofonia e as culturas científicas de cada nação que reapropriavam ou criavam seus conceitos e seus métodos, neste mesmo contexto dos anos 1950 e 1960.

Entretanto, com a retomada do argumento histórico da anglofonia na construção de um discurso de fundação e demarcação epistemológica do campo, principalmente a partir dos anos 1960, reconhece-se no plano internacional que a produção do conhecimento em outras línguas, incluindo a francesa, perdeu sua relevância nos contextos de discussão epistêmica. Deste modo, o aprofundamento das questões da Documentação fora da fronteira de uma francofonia, como nas tradições tecidas no Brasil e na Espanha, será através das traduções para o inglês que o pensamento de Suzanne Briet atinge um público mais amplo. Dito de outra maneira, o que se conhece mais amplamente de e sobre Suzanne Briet hoje é o que se escreveu em língua inglesa, sejam os textos de Buckland e Day, seja o próprio livro de Suzanne Briet, publicado em inglês apenas em 2006 (BRIET, 2006). De fato, até para os próprios franceses, as ideias e trajetória profissional de Briet têm na obra de Buckland uma de suas principais referências - um exemplo recente é o convite para a conferência do pesquisador americano na realização da *11th Biennial Conference of the French ISKO*, ocorrida entre 11 e 12 de julho de 2017, que contou com a apresentação de Buckland ao lado de Sylvie Fayet-Scribe, da Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, abordando, respectivamente, as comunicações *Reflections on Suzanne Briet* e *Suzanne Briet, héritière d'une généalogie de pionniers francophones. De la table des matières à l'âge de l'indexation*.

Olhando a questão de um outro modo, importa considerar, como dissemos anteriormente, que o pensamento de Suzanne Briet, de modo direto (por seus textos) ou indireto (via Documentação), está colocado na construção do campo, portanto, não dependendo, para isso, da literatura atual em inglês. A obra de Briet é parte de um conjunto de ideias que permite uma compreensão hoje do conceito de documento, como elemento primordial de compreensão do campo. A questão pode ser explicada como segue. Um movimento é o da produção de um pensamento científico, e outro é o da ampla disseminação desse pensamento. Neste caso é que há implicações a observar pois, na

ausência de disseminação de um dado pensamento, há pouca discussão e reflexão, e quase nenhuma continuidade, o que pode resultar em seu apagamento.

Como os demais sujeitos no campo científico, Briet é fruto e causa, agente e testemunha ocular das mutações epistemológicas de um dado saber em sua procura por emancipação. No entanto, Briet se torna uma vida fundamental no universo epistêmico da Ciência da Informação para a análise epistemológico-histórica do campo, em razão de: sua atuação profissional; seu legado teórico; sua posição geopolítica (a França e suas especificidades); e seu lugar no tempo (principalmente, entre os anos 1930 e 1950).

Se a tensão no processo de formação do campo no contexto internacional, principalmente a partir da repercussão da travessia de tal luta nos Estados Unidos, esteve ligada ao jogo terminológico-institucional-profissional entre *librarians* e *special librarians* (posteriormente, *information scientists*), como apresentado em Shera e Cleveland (1977), anteriormente, no contexto da vida e da atuação de Briet, o elemento proposto e desenvolvido no cenário profissional e acadêmico foi o *documentaliste*. Trata-se da conceituação de documentação e do enraizamento profissional de tal conceito, que toma então o contexto de uma teoria própria para uma profissão distinta.

Esse cenário, de fundo teórico, profissional e institucional, parece, à primeira vista, um dilema local: o contexto de formação do campo no território francês. O conjunto de singularidades desta tradição guarda seus dilemas internos, como discutido por Couzinet (2009), sendo a questão da documentação o provável elemento central. Segundo a própria Briet, a documentação desempenhou papel marcante na França, mais que nos Estados Unidos, haja vista a necessidade de lidar com o “peso de imensas coleções do passado” (BRIET, 1954, p. 339, citada por MAACK, 2004, p. 737).

Mais que isso, tal tensão já nasce complexa: ela atravessa a França em direção à francofonia, dada a relação com o movimento de origem belga manifestado em Paul Otlet via o Repertório Bibliográfico Universal; por sua vez, ela ganha em complexidade na medida em que Briet atua no plano internacional, principalmente na Unesco, em militância e trabalhos técnicos, supostamente em função de sua relação de perda já na Primeira Guerra quando tem origem seu interesse pela Sociedade das Nações. (DAY, 2001). A obra de Briet era ali já respeitada não apenas na França, mas internacionalmente, sendo atuante na FID e na Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA), além de trabalhar em projetos para a Unesco. Ao mesmo tempo em que lecionava no INTD e desenvolvia inúmeros projetos e atividades associativas, ela continuava a

supervisionar os serviços da sala de catálogos e bibliografias da Biblioteca Nacional. (MAACK, 2004)

A condição da Documentação torna-se, inicialmente, uma outra vertente epistemológica do fazer bibliotecário, em continuidade à tradição bibliográfica. O livro de Briet apresenta clara compreensão da composição do campo, ao tratar da Bibliografia como disciplina sedimentada da qual parte a Documentação, e do avançado e significativo trabalho das bibliotecas, incluindo sua articulação em rede. Por este motivo é que, muito mais recentemente, vemos no artigo de Johanna Smit sobre documentação e documento, desenvolvimento em que a autora parece não ver outra possibilidade de escrita que não aquela que se funda na Documentação, tendo na Bibliografia a origem da seleção de fontes e da organização da informação, e na Biblioteconomia, prática sempre intencional e propositiva de serviços bibliográficos, em um claro contexto histórico e conceitual em que ela se permite falar em um campo científico chamado no Brasil de Ciência da Informação (SMIT, 2008). Distintamente da *Library and Information Science* a qual nos referimos anteriormente, Smit refere-se à denominação aqui adotada – Ciência da Informação – como aquela que é relativa a duas instâncias institucionalizadas estrutural e politicamente no país: a formação em nível de pós-graduação e a atividade de pesquisa.

No entanto, esta Documentação, que não se faz só, ou seja, não pode ser compreendida fora de sua relação com disciplinas a partir das quais se constitui e exerce influência, é apagada frente à proposição e avanço da vertente estadunidense que se constituiu como *Library and Information Science*. Atualmente, em uma espécie de inversão histórica, estamos diante de um dilema, não apenas francês, não apenas francófono, mas cuja repercussão atinge os Estados Unidos, como também outras diferentes tradições, chegando ao Brasil.

O reconhecimento do apagamento da Documentação ganha faceta revolucionária, como algo que chega para transformar, a despeito de nunca ter se ausentado. Ou seja, a Documentação joga um papel primordial na historicidade do campo, ainda que esmaecida por outro movimento posterior a ela, e menos coerente que o dela; falta-lhe coerência não porque essa *Library and Information Science* assim o seja, por suas próprias características, mas porque se perde e se esvazia pelas lacunas conceituais e históricas sobre as quais se constituiu.

Dito de outro modo, ao adotar essa vertente estadunidense como referência epistemológica para o campo, atribui-se uma competência científica que ela não possui,

resultando em quadro cognitivo desfigurado. Movimento distinto, por exemplo, é aquele em que se reconhece, por exemplo, nesta vertente anglo-americana, o legado teórico e empírico da Biblioteconomia, em constante manutenção e atualização, e as reflexões de seus diversos e proflucos autores – caso dos neodocumentalistas – quando apontam sua perplexidade frente ao que está ainda mal-arranjado em sua configuração epistemológica. A questão encontra sua explicitação nas teorias e métodos da história da ciência, a partir da qual seria possível explorar com propriedade as circunstâncias subjetivas que permitem que este quadro chegue a termo na forma de abordagem predominante.

A questão apresentada faz parte de cenário em que vigora dança terminológica de tentativa de afirmação do campo, tentativa essa que é difusa e buscou criar sempre algo novo, logo, uma espécie de campo novo. Assim, importa constatar que estamos falando sempre de um só campo (do qual Briet faz parte e o qual Briet impactou), porém, sob inúmeras terminologias, que oscilam entre – e aqui está a distinção necessária, ou seja, o joio e o trigo – de um lado, a ênfase em um ou outro aspecto do campo, o que variou, como é de se esperar, a cada tempo e em cada lugar, e, de outro lado, o esforço crédulo de elaboração de novo campo, em geral anacrônico e conceitualmente artificial, e que se coloca hoje, mais que em outros tempos, na forma de várias ideias inventivas dispersas sobre esse suposto campo científico.

O segundo grupo, mais recente, demonstra por si mesmo a fragilidade de suas propostas. Desse modo, é que Bibliografia, Biblioteconomia, Bibliologia, Documentação, Ciência da Informação não remetem e ao mesmo tempo remetem à mesma coisa, são e não são idênticas, se comportam a partir de verossimilhanças que, por sua vez, se desfazem na trama de espelhos de seus autores-atores (teóricos e profissionais), pois cada contexto de uso manipulou de formas muito diversas esses termos em suas feitura institucionais, políticas, teóricas, profissionais, locais, regionais, nacionais, internacionais. A ciência faz-se assim, pois é construto social, com suas lutas e divisões, e é nesse lugar de conflito que encontramos o pensamento de Suzanne Briet.

4 A AUTONOMIA E A SINGULARIDADE DA OBRA DE SUZANNE BRIET: PARA ALÉM DE OTLET E DA DOCUMENTAÇÃO

Uma das perspectivas comuns da leitura de e sobre Suzanne Briet está na constante de sua relação com a obra e com o projeto político-institucional de Paul Otlet. Dificilmente

encontraremos registros biográficos que não iniciem sua narrativa com a releitura otletiana de Briet, como identificamos em Day (2001). A formação do discurso sobre Suzanne Briet guarda elementos de epistemologia histórica formalmente ricos, como a influência e a propagação das ideias de Otlet, demarcadas por sua luta no meio profissional no pós-Segunda Guerra Mundial.

No entanto, esse ângulo, que remete direta ou indiretamente à ideia de sombra, tende, por sua vez, a reduzir ou silenciar parte do pensamento brietiano. As condicionantes a seguir discutidas ajudam a compreender a tensão por trás destas inflexões. De um lado, compreendendo o papel da atuação de Briet nas bibliotecas francesas e as tentativas de transformação de seus processos e de seus produtos, de outro, demarcando o papel da bibliotecária nos cenários epistemológicos da Documentação construída fortemente até os anos 1980, e de outro ainda, a partir de então, constituindo a hoje chamada neodocumentação, podemos observar a ante-sombra, a despeito do potencial de identificação da singularidade de tal obra no âmbito teórico e empírico.

O ato de “levar-nos a ver” Otlet, típico das interpretações sobre a relevância de Briet, é o mecanismo de conduzir-nos ao centro da obra brietiana em suas questões singulares. Ou seja, sua obra, apresentando sua própria relevância, tem o duplo mérito de: pautar-se nas ideias de Otlet, uma vez que qualquer conhecimento faz-se somente a partir de outro conhecimento dado; e de serem aplicadas profissionalmente de modo bastante particular, ou seja, não em centros de documentação, mas na Biblioteca Nacional da França, na sala de catálogos e bibliografias que criou e gerenciou, com o objetivo de potencializar o acesso ao acervo tão fortemente preservado.

A partir de suas reflexões sobre os procedimentos e instrumentos documentários, Suzanne Briet integra o coração das abordagens aplicadas do campo a uma conceituação ampla e dinâmica de documento, com vistas à reunião de diferentes possibilidades inovadoras de organização da informação e elaboração de serviços e produtos. As tentativas de compreensão, de síntese e de exploração empírica da Documentação realizadas por Suzanne Briet permitiram não apenas o aprofundamento das questões filosófico-aplicadas de Paul Otlet. A obra brietiana detectou elementos centrais e abordagens necessárias que modificaram, junto dos elementos anteriormente colocados, as possibilidades da prática documentalista, desdobrando-se na construção do campo no contexto internacional.

Do ponto de vista de uma epistemologia histórica, pode-se afirmar que, se a Documentação é uma construção estruturada no pensamento de Paul Otlet, a neodocumentação apresenta referências mais diretas do pensamento brietiano, haja vista o desenvolvimento que este pensamento realiza em perspectiva contemporânea, o qual facilita a leitura por cultura tão diversa como a estadunidense.

O fato é que se as abordagens ditas neodocumentalistas são fruto de uma interpretação anglófona tardia sobre a Documentação (a língua inglesa lendo fontes francesas), elas existem como tal em função da leitura de Boyd Rayward sobre a obra de Paul Otlet e da leitura de Michael Buckland sobre a obra de Suzanne Briet, como aponta Frohmann (2009, p. 297): *Thanks to Buckland (1991) and Boyd Rayward (2007), we are familiar with Otlet's and Briet's conceptions of documentation, according to which things – physical objects, such as antelopes – can count as documents*” [Agradeço à Buckland e Rayward; a partir deles nós estamos familiarizados com as concepções da documentação oriundas de Otlet e de Briet, naquilo que diz respeito às coisas – os objetos físicos, como antílopes – abordados como documentos]. A pesquisa, as traduções e os trabalhos publicados por Buckland marcam uma nova forma de compreensão do conceito de documento no contexto anglófono (aqui, tal contexto já tomado em sua expressão mundial, ou seja, uma dada anglofonia científica que é reconhecida, de modo extremo, no plano mundial dos fins do século XX, como língua oficial da epistemologia do Novecentos).

Em grande medida, pois, não está em questão, na neodocumentação, a historicidade da Documentação como projeto otletiano. O que está em inflexão aqui é a potencialidade hermenêutica aberta pela obra de Suzanne Briet em seu longo percurso de experimentação da práxis documentalista. Sob uma intencionalidade objetiva ou não, a neodocumentação cumpre o papel, no plano internacional, de reposicionar Briet e seu pensamento na epistemologia histórica do campo, pelas vias da pesquisa bucklandiana.

Desdobram-se dos estudos de Buckland uma série de interpretações das ideias de Suzanne Briet no escopo do que se pode chamar então de neodocumentação. É o caso, por exemplo, de Bernd Frohmann (2009), e a margem de diálogo sobre as indagações brietianas sobre o antílope e as questões da pragmática em Ludwig Wittgenstein e Putman, e Ronald Day (2001). Este último reconhece em Suzanne Briet o papel de uma dada proclamação da documentação como uma técnica cultural. Essa posição, na visão de Day (2001), permite separar um olhar positivista sobre o documento na relação entre epistemologia e organização social e política, lançado por Paul Otlet, e um olhar entre uma

cultura (também científica), contudo diretamente relacionada ao contexto da produção industrial e do desenvolvimento de diferentes países pela via do papel estratégico-político-econômico da documentação. Não haveria, em Briet, a possibilidade de desenvolvimentos tecnológicos e organizacionais sem o aperfeiçoamento das técnicas documentárias. Essa seria a marca do papel científico-institucional da documentação no plano de um programa de desenvolvimento industrial (e nacional) no contexto mundial.

No enlace entre ciência, indústria e instituições documentárias, a experiência discursiva de Briet constitui, pois, o que para Day (2001), e, futuramente, Bruno Latour (este, sem mencionar Briet), tomará como objeto de análise (a saber, o jogo semiótico de ações científicas realizado em instituições que manipulam dados, objetos, elementos, e criam esquemas, fórmulas, gráficos, visualizações de dados, entrecruzando os mesmos em redes de significado que se consolidam como relatos epistêmicos). Essa condição permite, por exemplo, segundo Day (2001), identificar a vanguarda das ideias de Suzanne Briet (e sua autonomia).

5 O DOCUMENTO EM SUZANNE BRIET: EM TORNO DE UM MANIFESTO DE 1951

A interpretação das ideias de Suzanne Briet, em geral, tendem para a análise do clássico texto de *Qu'est-ce que la documentation?* Para Buckland (1995), eis um manifesto para a revisão de um modo de formação de bibliotecários e de documentalistas para resolução de problemas específicos da indústria e da ciência. Como discutido acima, de fato, o trabalho conceitual de Suzanne Briet parece ter interessado diretamente muito mais a uma escola anglo-americana do que uma escola francesa propriamente dita.

O contexto de institucionalização das *Sciences de l'information et communication* na França traz um conjunto de teóricos acadêmicos que iniciam um outro movimento conceitual, de fundo epistemológico e demarcatório (ou seja, a procura pelos limites do campo). Tais teóricos serão a partir de então mais diretamente (ou quase unicamente) adotados para as definições de documento e documentação, por exemplo, com destaque para Jean Meyriat. Neste sentido, podemos refletir que o manifesto de Briet de 1951, bem como o próprio discurso anterior de Otlet, estarão ora explicitamente presentes, ora subjacentes nas teorias, nos métodos e nos conceitos de autores como Meyriat, Estivals e Escarpit a partir dos anos 1960.

No entanto, tais obras clássicas, e principalmente o trabalho de Briet, cumprirão (na França contextualizada nos anos da institucionalização da ciência em debate) uma função pré-definitória, na medida em que a partir de agora se estabelece uma geração de teóricos que tem como interesse direto a formalização epistêmica do campo e a sedimentação terminológica sob outras configurações. No plano de uma epistemologia histórica, isto resulta em curioso processo: uma dada neodocumentação de origem anglo-americana não perceberá essa transformação de tais conceitos na França, ou seja, não é leitora de Escarpit, Meyriat e Estivals, por exemplo, como se desconhecesse o desenvolvimento histórico do pensamento francês em documentação. Por sua vez, esse discurso anglófono dará uma atenção consideravelmente exaustiva ao trabalho de Otlet e, principalmente, de Suzanne Briet, de tal maneira que permitirá sua repercussão no mundo. Sobressai, pois, nesse cenário, a relevância teórica e histórica do conceito de documento em Suzanne Briet.

Dentre as questões centrais evocadas por Briet (1951) no plano teórico, está a busca pelas condições da noção de documento frente à sua potencialidade semântica e empírica aventada por Otlet pela ideia de que todo objeto pode ser um documento. Tal conceito nos permite pensar a complexidade e o vasto panorama de atuação dos profissionais no trato documental. Ao mesmo tempo, as margens de compreensão do conceito não são vagas. Os critérios em Briet (1951) são claros: os processos de institucionalização e de criação de representações sobre um dado objeto (seja ele de origem mineral ou animal, por exemplo, vide os casos da estrela e do antílope) é que demarcam os limites das condições de elaboração conceitual.

Para Buckland (1991, 1995, 1997), mas também depois, para Day (2001), a questão da evidência representa uma das noções centrais na obra de Suzanne Briet. Day destaca que a partir desta noção pode-se perceber a concepção da existência de um dado fenômeno que se diz documental, assim como sua reprodução em outros documentos. Contra uma noção de evidência de fundo positivista, Briet, na leitura dayana, aplica à noção uma interpretação contextual, linguística e semiótica, demarcada pela relevância da noção de índice. O documento, evidência contingencial, é, pois, fruto de relações indexicais de N documentos. Nas palavras de Day (2001, p. 24), “Briet may not have been a semiotician or used the term “semiotics” itself, but she was a librarian influenced by the philosophers and linguists of her day [...]” [Briet pode não ter sido uma semioticista ou

usado o termo “semiótica”, mas ela era uma bibliotecária influenciada pelos filósofos e linguísticas de seu tempo].

Buckland (1997) revisita o conceito de documento em Briet e a metáfora central de sua reflexão, o antílope. Desdobra-se da análise conceitual da evidência – por exemplo, a condição de existência de um dado animal, como o antílope – as noções de materialidade, intencionalidade, processamento (o objeto precisa ser processado) e fenômeno (o ato de perceber o objeto como documento). As perspectivas nocionais aqui colocadas são fruto da relação entre fisicalidade (materialidade) e simbolismo (a condição simbólica da ação fenomênica percebida) apresentada em Briet (1951).

Essa possibilidade conceitual permitida pelo documento brietiano se torna, assim, o fundamento do manancial da leitura da neodocumentação. A consequência, retomando o percurso de análise dado até aqui, é o posicionamento do pensamento de Briet como uma das mais frutíferas obras para a epistemologia do campo, bem como a potencialidade imediata mais profunda não apenas de compreender Otlet (afasta-se aqui mais uma vez a questão histórica da sombra), mas de criar condições inovadoras de problematização sobre a abordagem estadunidense de Ciência da Informação, como até então fora elaborada.

De fato, na perspectiva da *Library and Information Science*, a ideia de fonte de informação cristalizou-se como objeto finalizado a ser disponibilizado ao usuário, e apresentado em suas diversas formas (livro, enciclopédia, base de dados) e tipologias (primárias, secundárias e terciárias), como observamos nos currículos de muitos dos cursos de graduação de Biblioteconomia brasileiros. A despeito dessa cristalização, o conceito de documento, na forma de representações documentárias variadas, produzidas material e simbolicamente pelo documentalista, como propostas de significação a um público, oferecem condições efetivas para uma apropriação da informação. Assim, se Briet ajudou a construir esse conceito e seu pensamento foi simplificado nos cursos em questão, podemos falar em decurso normal ou retrocesso?

As implicações da não adoção do conceito de um objeto documentário, pleno de significações latentes, em prol de objetos, vistos como restritamente constituídos pela forma de textos escritos apenas (mas não abordados segundo um conceito de texto), conduziu ainda a abordagens paralelas, como a de Gestão do Conhecimento. Nesta linha de trabalho, do mesmo modo que dito anteriormente, fontes de informação, em uma dada organização, devem ser potencializadas para uso, mas não construídas de modo a que sua

potencialidade se manifeste, caso da prática documentária (bibliotecária, arquivística, museológica) propriamente dita. A substituição do lugar teórico-prático ocupado pelos estudos das estratégias e recursos para a gestão de processos e serviços documentários por estudos da gestão da informação organizacional decorreu em mais uma fratura epistemológica no campo.

É nesse cenário, apenas rascunhado, que se coloca a necessidade de uma neodocumentação, ou quem sabe, de uma Documentação de fato, para que reflexões pertinentes e consistentes possam promover a reversão de certo desmantelamento sofrido pelo campo em sua vertente mais disseminada. Estão aqui, entretanto, do ponto de vista epistemológico-histórico, as marcas que evocam outras tensões de conformação do campo, principalmente aquelas que convergem para os debates entre profissão e pesquisa. Especificamente, podemos reconhecer o cenário de lutas que estabelecem contradições entre o saber e o fazer, entre o dizer e o agir, desdobrando-se em outras formas de divisão do campo.

6 TENSÕES ENTRE PROFISSÃO E PESQUISA: COMPETÊNCIAS, IDENTIDADES E CONHECIMENTO

Suzanne Briet não se configura, segundo o pensamento francês, como uma pesquisadora. Essa posição é demarcada pela relação formal de atuação ou não no mundo acadêmico. A resolução desta condição é, deste modo, dada pelo fato de que: Briet não foi uma *chercheur* e seu convívio central esteve, ao longo da vida, junto à profissão (e não da *recherche scientifique*). Essa é uma marca relevante para a problematização de seu pensamento e de sua interpretação, assim como de seu papel para além de Paul Otlet e para a configuração das diferenças ou das singularidades entre Bibliografia, Biblioteconomia, Bibliologia, Documentação e Ciência da Informação a partir da França. Apesar de seu papel histórico, internacionalmente propagado por Buckland (1995) e pelos seguidores da linha da neodocumentação, Briet em geral é reconhecida, no ponto de vista da pesquisa francesa, como uma não-pesquisadora.

Embora reconheçamos em Briet uma profissional que escreveu suas reflexões, e que atuou politicamente, podemos inferir que Julien Cain e Robert Pagès, por exemplo, exerceram mais profundamente suas atividades de pesquisa, como é o caso deste último em sua tese, a qual influenciou o próprio texto de Briet. (BUCKLAND, 2017). Mas, é fato,

que ela usa grande parte de seu tempo na conquista da produção contínua de serviços bibliográficos na Biblioteca Nacional, que fizessem mover seus acervos em direção a usuários, assim como ela mesma produz muitas e trabalhosas bibliografias com este mesmo objetivo.

No entanto, autores como Gardin e Coyaud, assim como aqueles que deram início à *Science de l'information et de la communication* (SICs) – Barthes, Escarpit e o mesmo Meyriat, além de Estivals, iniciaram sua produção anos depois de Briet deixar seu trabalho na Biblioteca Nacional, em 1954. Assim, cabe problematizar a imagem de Briet como não-pesquisadora: por um lado, ela não o era completamente, já que exercia importante atividade profissional com ênfase em seu caráter intelectual e político, e por outro, a pesquisa ainda não tinha ganhado a forma e o conteúdo que tem hoje, ou que desenvolveu a partir do grupo das SICs e daqueles que se debruçaram, no mesmo período, sobre os fundamentos das linguagens documentárias.

Todavia, é preciso considerar o desenho institucional-cognitivo-político francês hoje, e o percurso de escolas de formação biblioteconômica como INTD e ENSSIB. Sob o ponto de vista das SICs, onde estaria por excelência a prática da pesquisa, vê-se a formação de bibliotecários em uma enorme distância simbólica das outras produções de pós-graduação, distinguindo-se, assim, bibliotecários e pesquisadores. Junto a isso, mesmo no contexto interno da formação de bibliotecários, há oposição à formação no nível de pós-graduação, em função das posições políticas e intelectuais distintas entre conservadores do patrimônio bibliográfico, depositado tradicionalmente em Bibliotecas Nacionais, e os bibliotecários de bibliotecas públicas. No contexto de formação de documentalistas, por sua vez, foi construído dado distanciamento com os bibliotecários generalistas, embora com uma relação mais direta com a pós-graduação, mas ainda assim eles também foram considerados não-pesquisadores.

No Brasil, a situação se repete à sua maneira, aparentemente com menos segmentos a considerar, já que os documentalistas foram simplificados e esquecidos, a exemplo dos Estados Unidos, e os chamados *conservateurs* franceses não estão às voltas com a Ciência da Informação do país, desenvolvendo suas atividades junto a outros campos, visivelmente menos fraturados no tempo e no espaço. No que tange aos cursos de graduação e de pós-graduação, a depender do estado brasileiro, a fala reflete a posição de que os primeiros, em geral nomeados Biblioteconomia, seriam voltados unicamente à formação profissional, enquanto, os segundos, em sua maior parte denominados Ciência

da Informação, formariam pesquisadores – este, um outro discurso acríptico que não coloca em debate as lutas por espaço, por discurso, por salários, por prestígio.

Decorre da fala acima a posição de que o conhecimento que constitui e sustenta o primeiro nível de ensino não equivale, embora tenha algum tipo de relação, com o conhecimento relativo ao segundo nível de ensino. Sem partir para maiores aprofundamentos histórico-epistemológicos, podemos constatar a inconsistência dessa fala por meio da observação das funções intrínsecas destes dois níveis de ensino: na pós-graduação, realiza-se o aprofundamento dos conhecimentos apresentados e desenvolvidos na graduação, como os próprios nomes indicam. Biblioteconomia como profissão e Ciência da Informação como ciência, junto ao distanciamento entre ambos, parece ser uma marca da frágil reflexão crítica brasileira.

No entanto, em uma perspectiva científica, trata-se de reconhecer um saber produzido para fins de aplicação. Por isso, entendemos que a questão, corresponsável por possíveis distanciamentos de Suzanne Briet de um corpus histórico fundamental do campo em dados cenários, não é a da profissão, mas a da compreensão de uma área aplicada, que se ensina em um nível e se aprofunda no seguinte, como tantas outras nas ciências sociais e em outros campos (pensemos, por exemplo, na Medicina, na Geologia e na Administração). Profissão, por sua vez, envolve discussão própria, muito mais contingenciada e agitada por movimento sociais e políticos, pelos espaços criados no mercado, pela economia da remuneração, pelo pensamento que sedimenta um conjunto de práticas locais, demarcações legais, formalizações financeiras etc.

Há, assim, uma condição brietiana, que se desenvolveu em solo francês pautada pela questão dita profissional de seu discurso, tornando-se uma constante fundamental para uma reflexão crítica da epistemologia histórica da Ciência da Informação no contexto internacional. Esta crítica está no coração das tentativas de objetivação e de busca por uma positividade de uma dada cientificidade do saber, em oposição ao fazer, em torno do fenômeno da informação no pós-anos 1960. Trata-se de uma interpretação que exclui a trajetória histórica do campo na proposição de teorias, métodos e instrumentos de organização e serviços de informação que, de modo subjacente à dimensão profissional, configurou-se como conhecimento.

Podemos identificar aí o ritual de interpretação que teria retirado o discurso da Documentação de um dos lugares, no plano internacional predominante, de fundação do campo, haja vista suas reflexões voltarem-se para a fundamentação de métodos e

instrumentos, sob terminologia pertinente, segundo a função social do campo. O mesmo não ocorreu com a Biblioteconomia estadunidense. Esta constituiu muitos instrumentos centralmente a partir da segunda metade do século XIX como modo de responder a demandas imediatas. Entretanto, na ausência ora de elaboração conceitual efetiva (a exemplo de Otlet), ora de cristalização de conceitos e reprodução de tais construtos, permaneceu como recurso concreto de funcionamento de serviços bibliotecários, sustentados pelo movimento corporativo internacionalmente reconhecido.

Desse modo, talvez possamos falar em questão relativa ao movimento que Otlet e Briet realizaram, por meio de conceitos sobre aspectos procedimentais e instrumentais, depois desenvolvidos no decorrer do século, mas não reconhecidos em sua perspectiva teórica, seja pelo movimento das SICs, na França, seja pelo movimento da Ciência da Informação estadunidense, cada um a seu modo. (Vale lembrar que, a despeito do reconhecimento tardio e segmentado de Otlet e Briet, as ideias das SICs francesas até hoje não são consideradas internacionalmente, como é o caso da obra de Jean Meyriat sobre o conceito de documentação e de documento, e da obra de Robert Estivals, sobre os conceitos de esquema e de bibliologia).

A ideia cristalizada de que a instância da técnica seja por si mesma não científica, ou ainda, manifestação particular e empírica de uma profissão, não permitiu evidenciar os avanços citados, mantendo-se, por sua vez, os estudos mais amplos sobre informação, os quais seriam especialmente proveitosos ao conhecimento bibliográfico-bibliotecário-documentário, se desenvolvidos na perspectiva que lhes é particular. Suzanne Briet ocupa aqui lugar privilegiado: pensamento e ação, teoria e empiria, são construtos entrelaçados em seu percurso, de modo crítico e intensivo, como um(a) exímio(a) cientista social o faria, dedicado(a) às tensões do mundo a sua volta, a partir das categorias analíticas e empíricas que possui de antemão e junto daquelas outras categorias que virá produzir.

Reconhecemos, nesse cenário de lutas entre profissão e pesquisa, criadora de falsas antinomias, conforme a leitura socioepistemológica bourdieusiana nos atenta, que as fragmentações francesa e brasileira são em si mesmas improdutivas, porém ainda assim devemos sempre estabelecer diferenças, uma vez que vivenciamos aqui profundos e arraigados movimentos de invenções informacionais, fracamente científicos, em que prima o desejo e o interesse de que o campo seja aquilo com que cada um ou cada grupo mais se identifica, em ações contínuas institucionais de fortificação de lugares políticos (menos que acadêmicos).

7 EM TORNO DA QUESTÃO-TENSÃO DE GÊNERO: AS MULHERES, BRIET E A FORMAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO

Suzanne Briet, mulher e bibliotecária, feminista e ativista. Esta conjugação biográfica de fatos, presente nas revisões como as de Fayet-Scribe (2009) e Buckland (1995), que parece simples à primeira vista, nos coloca no coração de um enfrentamento socioepistemológico para a compreensão da formação histórica do campo. Esta questão não é antevista apenas no pensamento francês ou francófono. Ela vai ao encontro de parte considerável da historicidade da Ciência da Informação no Ocidente.

Fayet-Scribe (2009) reconstitui essa historicidade a partir de nomes femininos da Documentação na França, incluídas no *Dictionnaire biographique des militants XIXe-XXe siècles de l'éducation populaire à l'action culturelle*, dada a relevância de suas atuações. São elas: Louise-Noëlle Malclès (1899-1977), pioneira em referência e bibliografia na Sorbonne, Yvonne Oddon (1902-82), que desenvolveu a perspectiva das bibliotecas de museus, Sorbonne Myriem Foncin (1893-1976), que trouxe grandes desenvolvimentos para a documentação, Georgette de Grolier, pioneira no desenvolvimento social das bibliotecas públicas, e, por fim, Suzanne Briet (1894-1989). O estudo demonstra como tais mulheres mudaram atitudes, influenciaram sua geração e permitiram o avanço da formação do campo em termos teóricos e empíricos – nas palavras de Fayet-Scribe (2009), elas lutaram pela construção não apenas do espaço de atuação, mas principalmente de efetivação de um novo campo, a Documentação, com foco no acesso e na disseminação da relevância do uso da informação.

O aspecto retoma os atritos entre profissão e pesquisa, entre a formação profissional e a produção científica propriamente dita, nascente em meados do século XX. Por vezes, essa relação (profissão-pesquisa) é usada justamente para encobrir a questão de gênero subjacente; em outros casos, como nos parece a questão de Suzanne Briet, a questão de gênero representa uma luta diretamente vinculada ao papel feminino – e centralmente, ao feminismo. Uma vez reconhecido na história, este contexto de impossibilidade simbólica e formal de atuação e de protagonismo da mulher na sociedade, torna-se factual. Na ausência do embate crítico, a presença discursiva masculina na formação de bibliotecários e nas demarcações do campo se faz hegemônica (no ponto de vista do discurso epistêmico, ou seja, daquele que determina o que é o campo e quais são seus métodos e conceitos).

Os homens são a maioria nos cursos iniciais da França e dos Estados Unidos (como nos demais ramos sociais à época – segunda metade do século XIX). Posteriormente, ao longo da primeira metade do século passado, mesmo com a participação ampla de mulheres, tal discurso masculino ainda virá se impor. O lastro da erudição e da formação continuada reservadas exclusivamente aos homens é um modo de manutenção da relação entre homens e livros, e da negação da aproximação entre mulheres e conhecimento. É dado, no discurso histórico, a estes nomes masculinos, pois, o pioneirismo dos primeiros grandes feitos do campo, como Melvil Dewey e o próprio Paul Otlet.

No entanto, na medida em que avança a formação e se popularizam as ações do espectro do pensamento biblioteconômico, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, o papel feminino ganha em dimensão e amplia seu potencial de atuação. No escopo espacial mencionado, em meados do século passado, os âmbitos de atuação da mulher na Biblioteconomia se intensificam, ultrapassam o quantitativo masculino e personagens como Suzanne Briet passam a consolidar o protagonismo feminino no contexto das grandes mutações epistêmicas do campo.

Muitas mulheres fizeram os primeiros cursos de formação, de tal modo que elas trabalhavam no campo, mas os grandes feitos (que conhecemos) foram, em sua maioria, de homens. Essa situação reflete o problema de gênero no campo. O fato de muitas mulheres participarem também de cursos iniciais, ainda no século XIX, não revelou emancipação do ponto de vista da crítica. Ao contrário, o aumento do contingente feminino foi usado como forma de redução do papel teórico do campo e de comparação entre o agir das mulheres e dos homens no meio profissional, o que repercutiu no processo de formação epistemológica e institucional.

Esse último cenário histórico encontra o dilema dos atritos entre profissão e pesquisa, e, ainda, os dilemas internos da profissão. Porém, seu choque ainda está marcado pela superestrutura da exploração de gênero. O contexto destas discussões é simbolicamente sustentado, pois, pelo papel do trabalho de mulheres, como Suzanne Briet – um trabalho não apenas marcante do ponto de vista empírico e teórico, mas reflexivo no tocante à questão de gênero. No plano sociopolítico, tais dinâmicas simbólicas contribuem, no entanto, para um olhar que demarca Briet como uma não-teórica, como uma bibliotecária que repercute as ideias de Paul Otlet, que é sua herdeira. Ao mesmo tempo, no mesmo plano, encontramos a luta de Briet contra um modelo erudito – de raízes masculinas – de formação patrimonial das bibliotecas. Segundo Fayet-Scribe (2009), Briet

se aposentara cedo, tendo, como uma das razões latentes, a oposição e a zombaria as quais enfrentara em sua trajetória na *Bibliothèque Nationale*.

A luta de Briet colocava em questão, pois, a própria fratura epistemológica do campo entre Biblioteconomia francesa e Documentação em sua macro-dimensão, fundamento elementar para compreender a formação de nossa *episteme* no seu transcurso da primeira metade do século XX. Esta questão de ruptura, por sua vez, foi “importada” para outras tradições e se tornou fundamental para os debates histórico-epistemológicos do campo, ou seja, a reflexão sobre as diferenças e as semelhanças entre as práticas biblioteconômicas e as práticas documentalistas.

A despeito dessas reflexões, a Documentação francesa tornou importantes algumas mulheres deste rico período de produção intelectual e profissional, como trata Fayet-Scribe (2001). Segundo ela, na França, a imagem de bibliotecas fechadas, funcionando como “santuários de escrita” (p. 121) ainda perdurava no início do século XX, mas foi refutada pelas mulheres que fizeram a Documentação na década de 1930, trabalhando com ferramentas documentárias a favor do funcionamento de um serviço público de qualidade. Eram elas: Louise Noelle Malclès, conhecida por seus textos sobre Bibliografia e por seu trabalho na sala de bibliografia da Biblioteca da Sorbonne; Myriem Foncin, que atuou com a documentação geográfica da Biblioteca Nacional; Yvone Odon, que trabalhou na biblioteca do museu de Etnografia de Trocadéro, e Georgette de Grolier que se debruçou sobre a biblioteca de um centro sociocultural, o *Methodist Memorial de Château-Thierry*. (FAYET-SCRIBE, 2001)

Em grande medida, será apenas com a neodocumentação, e o trabalho de autores como Michael Buckland (1991, 1995, 1997), Day (2001, 2005) e Rayward (1996, 2004), que esse modo de encarar a relevância de Suzanne Briet é redefinida, permitindo a afirmação do contexto de gênero, apagado no plano epistêmico do discurso historiográfico. Esse reencontro é a possibilidade de uma postura distinta sobre a produção teórica de profissionais em um contexto onde a pesquisa científica do campo não estava plenamente formalizada – apesar de instituições já com tradição reconhecida, como os doutoramentos da Escola de Chicago nos Estados Unidos. O que está em jogo aqui na atuação de Briet e em suas publicações entre os anos 1940 e 1950 é não apenas uma forma de repensar, ali, o campo (como profissão e com *locus* reflexivo) e também (hoje) a história da profissão, mas também (diríamos, fundamentalmente), a visibilidade do papel feminino na formação do mesmo campo (partilha de pesquisa e de profissão em um só

mundo social, e não fruto da antinomia de ambos). Para além da evidência de tal relevância, Suzanne Briet representa pontualmente o foco social fundamental da questão em sua própria vivência: feminista, contribui para a formação de organizações de luta pelos direitos da mulher, chegando à direção da União das Mulheres Europeias, dando, por sua vez, uma face crítica para o desenvolvimento do campo como forma de transformação social.

De todo modo, a passagem aqui apenas aponta para o fato da neodocumentação “elaborar para o mundo” uma Briet que os próprios franceses cultuam (pelo menos, na pesquisa). Buckland se tornou referência para os franceses quando o assunto é Briet, o que ocorreu em grande medida por conta dos problemas colocados acima quanto à separação muito forte entre *conservateurs*, bibliotecários, documentalistas e, por fim, pesquisadores das SICs. Não significa que Buckland tenha apresentado alguma novidade para os franceses, mas é preciso reconhecer que foi um pesquisador “de fora” que colocou o nome da mulher Briet em relevo. Com isso, a separação profissional e de pesquisa na França ganha novos elementos em torno da afirmação inexorável de que Briet era uma profissional bibliotecária.

Esse é o fato central que torna a obra de Briet fundamental para o campo, pois as questões lançadas por seu olhar são conceitos e empirias que tocam o coração das questões epistemológicas da própria *episteme* em questão. Se incluída a questão de gênero no palco dos embates epistemológicos na primeira metade do século, e se considerada a força da construção feminina do discurso da documentação conforme antevisto em Fayet-Scribe (2009) neste momento, podemos perceber que a luta pela participação das mulheres no campo é também ali a luta por uma mutação epistemológica, de fundo não apenas feminino, mas também feminista, principalmente a partir do nome e da obra de Suzanne Briet.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a Documentação e uma possível neodocumentação (de fundo anglo-americano), Suzanne Briet pode ser reconhecida como um marco autônomo e singular, seja por sua trajetória profissional, seja por sua obra. Quando colocada em seu espaço-tempo, as margens de interpretação da trajetória de Briet se multiplicam sob a dimensão crítica.

Briet, bibliotecária, mulher, feminista, pacifista, documentalista. São estas algumas das possibilidades de epítetos para a compreensão do escopo biopolítico de seu percurso. Sua travessia permite-nos apontar para “transcendências” em todos os núcleos de sua atuação. As fronteiras dos diversos enquadramentos (epistêmico, social, profissional) constituem fontes históricas centrais para a compreensão do campo.

Como exemplos, encontramos diretamente, no plano profissional, a discussão sobre as mudanças nos modos de atuação dos bibliotecários e dos serviços e produtos das bibliotecas. No plano epistemológico, a preocupação e a dedicação ao pensamento documentalista e seus potenciais de transformação do acesso à informação pela via do conceito de documento. No plano político, sua luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher responde por uma síntese social que repercute, por sua vez, em suas movimentações nos espaços profissional e epistêmico a partir de uma teoria crítica da ação.

Quando identificamos o plano epistemológico-histórico e abrimos, paralelamente, as janelas para uma reflexão comparada da historiografia do campo, percebemos como, no plano internacional, a obra de Suzanne Briet nos coloca diante de um horizonte plural e crítico. O modo como se constituiu inicialmente e como foi repercutido o seu pensamento a partir da francofonia para o mundo, e, ao mesmo tempo, as condições em que um discurso anglófono será responsável direto por sua afirmação no contexto teórico, refletem parte das grandes lutas epistêmicas da conformação da Ciência da Informação no mundo. Retomando os argumentos metodológico-teóricos de nossa proposta, a obra de Briet se coloca, pois, como uma espécie de *aleph* para a compreensão de alguns dos grandes dilemas do campo no século passado, sendo ela, ao mesmo tempo, também, uma das responsáveis diretas por essas transformações, seja na dimensão aplicada, seja na dimensão conceitual.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Anne-Marie. Propos sur le document. **Schéma et schématisation**: Revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation, n. 14, p. 47-50, 1981.

BIANCHI, Anne-Marie. Le document e sa function. **Schéma et schématisation**: Revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation, n. 10, p. 25-34, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004a.

BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. **Diretrizes da Documentação**. Rio de Janeiro, 1964.

BRIET, Suzanne. **¿Qué es la documentación?** Santa Fé, Argentina: Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales/Universidad Nacional del Litoral, 1960. (Cuaderno, 2). Título original: Qu'est-ce que la documentation?

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Trad. de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2016. Título original: Qu'est-ce que la documentation? (Formato eletrônico).

BRIET, Suzanne. **What is documentation?** Trad. de Ronald E. Day; Laurent Martinet; Hermina G.B. Anghelescu. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2006.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. Disponível em: <<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BRIET, Suzanne. La formation professionnelle des bibliothécaires aux États-Unis. **A.B.C.D. Archives, Bibliothèques, Collections, Documentation**, n. 13, p. 337-340, 1954.

BUCKLAND, Michael. **Reflections on Suzanne Briet**. UC Berkeley, 2017. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/1912p0tn>>. Acesso em: 27 jun. 2018. Baseado em apresentação realizada no 1e Colloque international d'ISKO-France: Epistemological and theoretical foundations of Information – Documentation science: a tribute to francophone pioneers, Paris, julho de 2017.

Buckland, Michael K. Before the Antelope: Robert Pagès on Documents. **Proceedings from the Document Academy**, v. 4, n. 2, Article 6. 2017. Disponível em: <<http://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol4/iss2/6>>. Acesso em: 27 jun. 2018

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.

BUCKLAND, Michael. The centenary of Madame Documentation. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 3, p. 235-237, 1995.

BUCKLAND, Michael. What is a document? **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, p. 804-809, 1997.

COUTINHO, Helenyr. Documentação, instrumentos e técnica. In.: BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. **Diretrizes da Documentação**. Rio de Janeiro, 1964. p. 121-142.

COUZINET, Viviane. Transmitir, difundir: formas de institucionalização de uma disciplina, **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 5-18, 2009.

DAY, Ronald. Poststructuralism and information studies. **Annual review of information science social and technology** (ARIST), v. 39, p. 575-609, 2005.

DAY, Ronald. **The Modern invention of information**: discourse, history and power. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

ESTIVALS, Robert; MEYRIAT, Jean. La dialectique de l'écrit et du document en effort de synthèse. **Schéma et schématisation**: Revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation, n. 14, p. 85-86, 1981.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. Women Professionals in Documentation in France during the 1930s. **Libraries & the Cultural Record**, v. 44, n. 2, p. 201-219, 2009.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. **Histoire de la documentation en France**: culture, science et technologie de l'information, 1895-1937. Paris: CNRS Editions, 2001.

FROHMANN, Bernd. Revisiting "what is a document". **Journal of Documentation**, v. 65, n. 2, 2009.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. Aproximación al concepto y al objeto de la Información/Documentación. In: _____ (Ed.). **Introducción a la documentación informativa y periodística**. Alcalá de Guadaíra (Sevilla): Ed. Mad, 1999. p. 23-35.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAACK, Mary Niles. The lady and the antelope: Suzanne Briet's contribution to the French documentation movement. **Library Trends**, v. 52, n. 4, p. 719-747, Spring 2004. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/1704/Maack719747.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

MEYRIAT, Jean. Y a-t-il place pour une théorie de la Documentation? **Revue de Bibliologie**: schéma et schématisation, n. 40, p. 39-45, 1994.

MEYRIAT, Jean. Document, documentation, documentologie. **Schéma et schématisation**: Revue de la Société de Bibliologie et de Schématisation, n. 14, p. 51-64, 1981.

MINELLI, Maria Carolina Motta. Os instrumentos e as técnicas de documentação. In.: BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. **Diretrizes da Documentação**. Rio de Janeiro, 1964. p. 143-153.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 59-79, 2008.

RAYWARD, W. Boyd. **El universo de la información**: la obras de Paul Otlet sobre documentación y organización internacional. Tradução de Pilar Arnau Rived. Madrid: Mundarnau, 2005.

RAYWARD, W. Boyd. The History and historiography of information science: some reflections. **Information and Management**, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

RAYWARD, W. Boyd. **The universe of information**: the work of Paul Otlet for documentation and international organization. Moscou: VINITI, 1975. Publicado para a International Federation

for Documentation (FID) pelo All-Union Institute for Scientific and Technical Information (VINITI).

RAYWARD, W. Boyd. Whan and whay is a pioneer: history and heritage in Library and Information Science. **Library Trends**, v. 52, n. 4, p. 671-682, 2004.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of information science. **Annual review of information science and technology (ARIST)**, v. 12, p. 249-275, 1977.

SILVA, Fenelon. Formação, seleção e aperfeiçoamento do documentarista. In.: BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. **Diretrizes da Documentação**. Rio de Janeiro, 1964. p. 205-211.

SMIT, Johanna W. A documentação e suas diversas abordagens. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus (Orgs.). **Documentação em museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 11-22.

SOCIÉTÉ DE BIBLIOLOGIE ET DE SCHÉMATISATION. Paul Otlet: la résurrection. Bulletin d'informations internationales de bibliologie, n. 9. In.: **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, n. 30, p. 90-91, 1989.

VISENTINI, Ophelia Vitoria. In.: BRASIL. Departamento Administrativo do Serviço Público. **Diretrizes da Documentação**. Rio de Janeiro, 1964. p. 155-195.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado Lógico Filosófico; Investigações filosóficas**. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.